



*O Lince: As edições de aniversário em 67 anos de história*¹

Christina Ferraz MUSSE²
Susana Azevedo REIS³

Resumo:

O objetivo desse artigo é compreender a diversidade e as características da imprensa regional e da constituição da identidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata Mineira, cuja história é marcada por sucessivos períodos de centralização das produções jornalísticas. Para tanto, nosso objeto empírico é o periódico *O Lince*, que circulou no município de 1912 a 1979. Um dos grandes destaques do impresso eram as edições comemorativas, que, de dez em dez anos, proporcionavam aos leitores curiosidades e a ressignificação da histórica de *O Lince*. Queremos rememorar o periódico a partir de suas edições de aniversário e de entrevistas em profundidade com Adail de Oliveira, um importante editor do impresso, para assim reconstruirmos historicamente a trajetória da publicação.

Palavras-chave: Jornalismo Regional. Imprensa. História. Edições comemorativas. *O Lince*.

O Lince: The anniversary editions in 67 years of history

Abstract:

The purpose of this article is to understand the diversity and characteristics of the regional press and the constitution of the identity of Juiz de Fora, a city located in Minas Gerais, whose history is marked by successive periods of centralization of journalistic productions. For that, our empirical object is the periodical *O Lince*, which circled in the city of 1912 to 1979. One of the great highlights of the print was its commemorative editions, which, every ten years, provided readers which curiosities and a historical ressignification of *O Lince*. In this way, we want to recall the journal through their edits and in depth interview with Adail de Oliveira, an important newspaper editor, to rebuild historically the trajectory of the *O Lince*.

Keywords: Regional journalism. Press. History. Commemorative editions. *O Lince*.

O Lince: Las ediciones de aniversario en 67 años de historia

Resumen:

El objetivo de este artículo es comprender la diversidad y características de la prensa regional y de la constitución de la identidades de Juiz de Fora, ciudad ubicada en Minas Gerais, cuya historia es marcada por sucesivos períodos de centralización de las producciones periodísticas. A tal fin, nuestro objeto empírico es el periódico *O Lince*, que circuló en el municipio de 1912 a 1979. Uno de los grandes destaques del impresso eran sus ediciones conmemorativas, que, de diez en diez años, proporcionaban a los lectores curiosidades y la ressignificación histórica de *O Lince*. De esta forma, queremos rememorar el

¹ Artigo revisado e ampliado. Apresentado pela primeira vez no GT 1 – História do Jornalismo, no 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, em 2014.

² Jornalista e doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* cferrazmusse@gmail.com

³ Jornalista e mestrande do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* susana.reis360@gmail.com





periódico a través de sus ediciones de aniversario y de la entrevista en profundidad con Adail de Oliveira, un importante editor del periódico, para así reconstruir históricamente la trayectoria de la publicación.

Palabras clave:

Periodismo regional. Prensa. Historia. Ediciones conmemorativas. *O Lince*.

Um panorama histórico da imprensa juiz-forana

Situada no estado de Minas Gerais, Juiz de Fora é localizada na Zona da Mata Mineira, a cerca de 270 km de Belo Horizonte. Em sua história, que se inicia com o surgimento da vila de Santo Antônio do Paraibuna, em 1850, a cidade foi influenciada culturalmente e politicamente por diversas localidades brasileiras, como o Rio de Janeiro e São Paulo, além de países europeus, o que fez com que apresentasse uma identidade fluida e híbrida, diferente daquelas encontradas em outras cidades mineiras, como Ouro Preto (MUSSE, 2008). A cultura, a imprensa, os fatores comerciais e mercadológicos, além das relações políticas, dificilmente foram influenciadas pela capital mineira. Christina Musse (2008) destaca que

Juiz de Fora não se identifica com o perfil de *mineiridade*, por razões de ordem cronológica já que é cidade criada em meados do século XIX, após o esgotamento do ouro, como também políticas, por ter sido colocada às margens das decisões de criação de uma nova capital: Belo Horizonte (MUSSE, 2008, p. 36).

58

A *mineiridade* é definida por Musse (2008), no livro *Imprensa, cultura e imaginário urbano*, como um conceito ligado às cidades barrocas constituídas nos séculos XVII e XVIII, que agregavam os mitos fundadores do imaginário mineiro, como prudência, a conciliação, o equilíbrio e a unidade de Minas. Por ser uma cidade constituída na metade do século XIX, Juiz de Fora não agregava essas qualidades ligadas à tradição e aos mitos, e sempre esteve em processo da busca de sua identidade, apresentando-se muito receptiva a novidades e intercâmbios culturais.

Segundo Maraliz de Castro Vieira Christo (1994), durante o fim do século XIX e início do século XX, Juiz de Fora se tornou o centro cultural de Minas Gerais. Até a década de 1920, foi destaque no estado pelo número de jornais, teatros, e pela expressão de suas escolas e instituições culturais. Possuía grande vínculo com o Rio de Janeiro, o que acarretou um maior intercâmbio cultural e econômico entre as cidades. A cada dia, a cidade se tornava mais cosmopolita e aberta a inovações.

Mas é nas páginas dos jornais juiz-foranos que ocorre a construção e consolidação de sua identidade. A imprensa brasileira no início do século XX foi





construída com base em uma nação idealizada e de forte nacionalismo, e os jornais da cidade seguiram essa perspectiva. O município possuía muitos traços europeus, principalmente franceses, inseridos na cultura urbana e na imprensa. Havia um crescente ufanismo que se apresentava como uma nova possibilidade, cultural e industrial, para todos. Um *Eldorado regional*. Desse modo, seus primeiros impressos publicavam os ideais da construção de lugar e de pertencimento, destacando sempre o imaginário de modernidade e o futuro promissor que a cidade poderia oferecer.

A primeira publicação regular e duradoura de Juiz de Fora foi *O Constituinte*, em 1870, existindo na época outras publicações da imprensa urbana, que circularam sem periodicidade ou apenas em um único número.

Até o ano de 1900, foram produzidas em Juiz de Fora mais de cem publicações políticas, humorísticas e literárias, entre almanaques, revistas e jornais. Podemos citar: *O Imparcial*, *A Bússola*, *Echo do Povo*, *O Democrático*, *A Regeneração*, *Minas Livre*, *O Metodista Católico*, *Lar Católico*, *A Cruze* muitos outros. Em 1922, a cidade tinha seis jornais diários: o *Diário Mercantil*, *O Pharol*, *Correio de Minas*, *Jornal do Commercio*, *O Dia* e *A Tarde* (MUSSE, 2008). Em 1912, foi publicada a primeira edição de *O Lince*.

O Lince, um periódico de Juiz de Fora

Existiram, em diversas partes do Brasil, periódicos que foram publicados durante décadas. Um exemplo é *O Lince*, em Juiz de Fora. A publicação circulou durante 67 anos, de 1912 a 1979, em dois formatos, como revista e jornal, e com diferentes periodicidades, sendo um dos impressos de maior longevidade da história da cidade. Seu fundador foi Jesus de Oliveira, jornalista que, desde pequeno, interessava-se pela produção e impressão de periódicos.

Jesus de Oliveira nasceu em Olaria, distrito de Lima Duarte (MG), em 09 de janeiro de 1891. Aos quatro anos de idade foi morar em Benfica, bairro localizado na zona norte de Juiz de Fora e mais afastado do centro da cidade. Em 1910 tentou publicar o jornal *O Independente*, mas foi impedido por seu pai de continuar o jornal, porque ainda era menor de idade (ESTEVEZ, 1962). Mas Jesus era persistente. Em nove de janeiro de 1912, quando finalmente completou 21 anos, teve a permissão para criar uma publicação e fundou *O Lince*. Na época, Jesus trabalhava como tipógrafo no jornal *O*





*Pharol*⁴ e foi incentivado por dois amigos, Albino Esteves e Epaminondas Braga, a produzir um pequeno jornal, como comenta Adail de Oliveira (2013)⁵:

Eles que deram incentivos ao meu velho [...] O meu velho era modesto, ele não foi formado, nem eu também sou formado, porque hoje jornalista tem que passar pela universidade [...] Naquela época não tinha nada disso, mas ele era jornalista e, trabalhando ali, não tinha instrução nenhuma (OLIVEIRA, 2013)⁶.

Jesus de Oliveira começou, então, a produzir seu periódico de forma artesanal, não obtendo lucro nenhum, no início. Para Adail de Oliveira, ele possuía apenas um sentimento romântico, um sonho de idealizador, em que a primeira motivação para publicar o jornal era a de divulgar seus trabalhos, de escritor e jornalista, para o bairro Benfica. O impresso não possuía características empresariais, não buscava lucros excessivos ou ser um sucesso no ramo jornalístico de Juiz de Fora. O que impulsionava Jesus eram seus ideais, um sentimento de sonhador que o incitava a querer propagar cada vez mais o pequeno jornal e incluí-lo entre os impressos valorizados pelos leitores de Juiz de Fora e região (OLIVEIRA, 2013).

Adail de Oliveira destaca o afeto que Jesus tinha por Benfica, bairro localizado na zona norte da cidade de Juiz de Fora. Mesmo sendo editado e impresso no centro do município, o periódico registrava no expediente que era elaborado no bairro, causando confusão entre os leitores: “Então, quando ele fundou o jornal, ele não estava mais em Benfica, mas, como homenagem a Benfica, ele pôs como se fosse a redação lá. [...] era simbólico, uma homenagem ao lugar. Porque lá não tinha tipografia, não tinha nada” (OLIVEIRA, 2013). Mas ainda na primeira década de publicação, as informações foram atualizadas e o expediente começou a informar corretamente o lugar da impressão.

O nome do periódico foi uma sugestão de Albino Esteves. Lince é uma espécie de felino, que tem como principal característica a ótima visão: “Este gato, a visão dele é muito boa, ele vê através das paredes. Atrás de uma parede, ele sabe o que tem do outro lado. [...] Assim, quem deu o título foi aquele historiador da cidade, Albino Esteves” (OLIVEIRA, 2013). Até a década de 1940, o nome do jornal era grafado como *O Lynce*, mas, a partir dos anos 1950, o *y* foi substituído por *i*.

⁴ *O Pharol* foi um dos mais importantes veículos impressos de Juiz de Fora, circulando durante 69 anos na cidade.

⁵ Adail de Oliveira é filho de Jesus de Oliveira e durante anos trabalhou como editor e jornalista em *O Lince*.

⁶ Entrevista concedida a Susana Reis em 07 de novembro de 2013, em Juiz de Fora, Minas Gerais.



Jesus de Oliveira e Nestor Campos foram os primeiros editores. A maioria dos textos era escrita pelo próprio Jesus com alguns colaboradores, com temáticas culturais, de entretenimento e notas informativas, focadas na cidade. Aproximadamente na década de 1940, mais jornalistas e colaboradores foram contratados e o impresso também publicou assuntos políticos e coberturas de eventos na cidade, formaturas, além de um espaço para colunas sociais. Temas mundiais e do Brasil também eram noticiados, principalmente curiosidades. A publicação também promovia festivais e concursos de beleza.

O jornalista Luiz José Stehling, em texto intitulado *O cinquentenário de O Lince*, publicado na edição comemorativa de 50 anos do jornal, revela que os primeiros números foram impressos na oficina de *O Pharol*. Dois anos depois, Jesus de Oliveira comprou “uma manobra manual e uma caixa de tipos pela importância de R\$ 1.500\$000 [sic]” (STEHLING, 1962, p. 23) e transformou seu quarto de solteiro, na Av. Perry, na redação e oficina do jornal. Em 1930, mudou-se para a Avenida Rio Branco e, mais tarde, para a Avenida dos Andradas. A redação de *O Lince* também se localizou, posteriormente, na Avenida 7 de Setembro, na Rua Dr. Frontini e na Rua Hermes da Fonseca.

As primeiras edições de *O Lince* eram em formato 22x16 cm e possuíam uma tiragem de cerca de 200 exemplares, sendo que o número de páginas de cada edição variava de quatro a 12. Em 1939, quando ocorreu uma mudança editorial e o jornal tornou-se uma revista mensal, o periódico chegou a publicar cerca de 1000 exemplares por edição. Mas o número da tiragem variava de acordo com o espaço reservado para a publicidade. Quanto maior a quantidade de anúncios no espaço do jornal, maior o número de impressões de determinada edição. A principal distribuição de *O Lince* era dirigida aos assinantes, mas exemplares também eram enviados para as bancas de revistas e patrocinadores: “Eu fazia uma distribuição dirigida, fora os assinantes, porque a base nossa era dos assinantes. Tinha venda na banca, mas o que tinha maior volume eram as assinaturas e as distribuições dirigidas” (OLIVEIRA, 2013).

Mesmo sendo um impresso regional, existiam assinantes de todo o Brasil e até do exterior. “Nós tínhamos assinantes em Moçambique, na África, tínhamos em Nova York, tinha aqui na Argentina e em Portugal, em várias cidades” (OLIVEIRA, 2013). Havia um grande intercâmbio com outros países, principalmente quando o periódico já havia se tornado revista. Poetas e jornalistas estrangeiros enviavam seus textos para

serem publicados no impresso, tornando-se, assim, colaboradores. Eles foram importantes para *O Lince*, pois contribuíam para a diversidade de textos, poemas e ilustrações.

Em sua trajetória, o periódico mudou de formato três vezes. O jornal foi publicado quinzenalmente até dezembro de 1939, quando teve uma mudança editorial e ganhou o formato de revista, passando a ser publicada mensalmente. Em abril de 1946, devido “às grandes dificuldades que encontrava na aquisição de papel estrangeiro” (STEHLING, 1962, p. 23), o impresso retornou ao formato de jornal, sendo publicado de dez em dez dias. Dois anos depois, em 1948, com o número 1183, *O Lince* voltou ao formato de revista, permanecendo assim até 1979, quando foi finalizada.

Adail de Oliveira comenta ter percebido que o formato de revista seria mais interessante para a proposta de conteúdo de *O Lince*. Ele insistiu com Jesus e conseguiu mudar o formato do periódico, que permaneceu como revista até a última edição:

Ele era o diretor, mas me passou o cargo de redação e eu comecei a fazer alterações. Comecei a notar que tinha algumas coisas na revista que não agradavam a ele, mas o leitor sempre gostava, e então elogiava com ele. “Oh, mais fulano melhorou e tal...”. Com isso ele foi agradando [sic] e eu comecei a assumir como secretário da revista, depois redator, e continuei a fazer tudo na revista no final de contas. Já era revista, por insistência minha, ideia minha... (OLIVEIRA, 2013).

O Lince teve três editores. Jesus de Oliveira foi editor de 1912 a 1966. Com o seu falecimento, o filho ocupou o cargo, permanecendo até 1974. A jornalista e publicitária Marilda Ladeira foi editora geral por apenas dois anos, 1975 e 1976, quando Adail de Oliveira retornou ao cargo, continuando até o fechamento do impresso, em 1979. Ele comenta as mudanças por questões financeiras e editoriais:

Na época o jornal era um jornalzinho muito fraco. Ele [Jesus] desaprovava, aprovava matéria, mas saía assim mesmo, contra a vontade dele, às vezes. E a gente foi tocando. Depois do falecimento dele, eu assumi a responsabilidade mesmo. Mas foi aquela luta tremenda, a imprensa sempre passando dificuldade. Nós não tínhamos recurso assim pra continuar [...]. Teve uma época em que a Dona Marilda Ladeira dirigiu *O Lince* por dois anos, fez uma revista que era uma beleza, na época, era uma beleza de revista. Era chique... Mas também não aguentou. Então ela me devolveu e eu completei. Em 1979 eu encerrei (OLIVEIRA, 2013).

Em quase toda sua existência, o periódico foi impresso na gráfica da família Oliveira. Quando a gráfica foi vendida, no início da década de 1970, Adail de Oliveira

começou a ter dificuldades em manter a revista. A impressão, então, ocorreu na Esdeva Indústria Gráfica, em Juiz de Fora. Em 1979, por falta de publicidade e, conseqüentemente, de recursos financeiros, a revista teve sua última edição.

Durante os 67 anos de existência, *O Lince* noticiou vários acontecimentos históricos. Um dos destaques do periódico foi a cobertura do golpe civil-militar de 1964, que teve como primeira ação a saída das tropas do General Mourão Filho, de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro. O impresso dedicou uma edição inteira ao acontecimento, descrevendo as ocorrências entre o dia 30 de março e o dia 6 de abril, que compreendiam a primeira semana do Governo Militar no Brasil. Nesse período, os fatos foram narrados por meio de imagens, textos e poemas, que descrevem o acontecimento ao leitor de um ponto de vista de total adesão ao movimento golpista.

O impresso publicava edições especiais sobre o aniversário da cidade e grandes episódios políticos e culturais. Mas o que destacamos com mais profundidade são as edições comemorativas de aniversário da própria publicação.

As edições comemorativas de *O Lince*

As edições comemorativas de cada década de *O Lince* sempre foram um destaque para o periódico. A cada dez anos, no mês de seu aniversário, era publicada uma edição especial que possuía maior número de páginas e conteúdo voltado para o próprio impresso e para seu fundador, Jesus de Oliveira. Com depoimentos de fontes de outras publicações regionais, poemas e dedicatórias de jornalistas e colaboradores, *O Lince* se firmava como um periódico importante de Juiz de Fora e resgatava a própria história com essas edições.

A pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro (2003) comenta que o conteúdo de jornais e revistas se tornam fatos que poderão ser utilizados como registros e documentação histórica, além de permitir a rememoração de fatos no futuro.

Jornalismo exerce um papel crucial na produção de uma ideia de história, não só porque indica aqueles que, dentre todos os fatos da realidade, devem ser memoráveis no futuro (ou seja, aqueles que teriam relevância histórica), mas também porque se constitui ele mesmo em um dos principais registros, objetivos de seu tempo (RIBEIRO, 2003, p.100).

Uma publicação tem a capacidade de registrar os acontecimentos e tornar-se um local de referência histórica. O discurso jornalístico tem a habilidade de resumir os



eventos e fatos sociais, promovendo a ideia de história, que se estabelece em dois níveis temporais: na relação do homem com seu próprio cotidiano, ao visualizar notícias e temáticas do dia a dia, e de sua relação com o passado, quando o impresso se torna fonte histórica (RIBEIRO, 2003).

Já a pesquisadora Letícia Cantarela Matheus (2011) analisa a ideia de temporalidade no jornalismo, tendo como objeto de estudo as edições de aniversário de impressos. Para a autora, jornais e revistas, historicamente, são capazes de nos fornecer os acontecimentos de maneira cronológica, afinal, o dia anterior de uma publicação é sempre passado. Porém, nem sempre o ocorrido é visto da mesma forma do ponto de vista social. Passado e presente podem se estabelecer em uma situação ideológica, sendo historicamente condicionados à experimentação do tempo e da consciência histórica, ou seja, os impressos fornecem uma temporalidade diferente da cronológica, que se faz a partir do coletivo e da sociedade. Os eventos são considerados passados, quando se deseja separar aquilo que já aconteceu do agora e, para isso, produzem-se marcos temporais, episódios que são utilizados pelos jornalistas para separar o passado do presente, como datas e assuntos que são empregados para lembrar periodicamente um fato. No caso das edições de aniversário, esse marco é a fundação do jornal, que é lembrada com periodicidade certa (MATHEUS, 2011).

Empregando os conceitos de Willian Johnston, Matheus afirma que “a comemoração responde a necessidade do homem ritmar sua existência” (MATHEUS, 2011, p. 28). A comemoração do aniversário do periódico vem da necessidade de lembrar a sua trajetória, a sua história, ritualizando o jornalismo e fazendo com que se use o passado para a manutenção da essência da publicação, a reafirmação da identidade e seu local de pertencimento. Johnston (1991⁷ *apud* MATHEUS, 2011) atribui três funções para a presença das comemorações midiáticas dentro do jornalismo. A primeira é a função pedagógica, na busca de ensinar ao leitor a história de determinado veículo e do contexto histórico ao qual ele pertence. A segunda é a de estabelecer continuidade com as origens, mostrando ao leitor como a publicação se originou, cresceu e, principalmente, quais são as personalidades que o fundaram. Por último, a de ser ritual de simbolização, tornando-se um evento esperado anualmente pelos leitores, que apresente símbolos do progresso e registradores do tempo (JOHNSTON, 1991 *apud* MATHEUS, 2011).

⁷ JOHNSTON, William M. **Celebrations**: the cult of anniversaries in Europe and the United States today. USA: Transaction Pub, 1991.



Desse maneira, as comemorações do jornal se tornam a “consagração de forma de interpretação do passado” (MATHEUS, 2011, p. 29), de maneira ritualística, tornando-se um marco histórico. Os periódicos utilizam o aniversário para lembrar os acontecimentos marcantes que fazem parte de suas narrativas, condicionando aquela determinada data como um ponto de tradição para o jornal. Essas histórias são voltadas para os leitores, mas também para a própria empresa e o jornal como instituição, como comenta a autora:

Ao mesmo tempo em que se voltam para o público em geral, são, antes de tudo, celebrações de empresas de comunicação e da imprensa enquanto instituição e por isso falam também aos profissionais que nela atuam. Contam histórias que refazem o percurso de jornais e de jornalistas. Elaboram passados das atividades jornalísticas, suas múltiplas memórias em disputa e sua significação na época da publicação (MATHEUS, 2011, p. 29).

O ritual que se tornam as edições comemorativas possui a função de legitimar a existência do jornal, ou revista, e do jornalismo ali exercido. Por meio dessas publicações, o impresso poderá ampliar o público leitor e compartilhar sua história com aqueles que não o acompanham desde a primeira edição. A comemoração seria um meio pelo qual o impresso determina a passagem do tempo, afinal, o ser humano, segundo Johnston, busca sempre “formas diferentes de ditar ritmo ao cotidiano” (JOHNSTON, 1991 *apud* MATHEUS, 2011, p. 34), seja por meio do calendário ou do relógio. O jornalismo torna-se o instrumento para essa passagem de tempo do jornal, uma ferramenta da temporalização.

Marialva Barbosa (2004) acredita que a comemoração é um instrumento da prática jornalística necessária para construir uma memória da sociedade e também de manutenção da identidade de uma publicação, fazendo com que o leitor aprenda mais sobre seu passado, tornando-o um acontecimento comemorado e apresentado tanto como informação, quanto como espetáculo. Além disso, as edições de aniversário estabelecem uma relação de poder, onde há o desejo político de dominar o tempo, possibilitando ao jornal “a construção do acontecimento e a sua valoração pública, o que leva os detentores deste poder a serem publicamente proprietários de sua criação” (BARBOSA, 2004, p. 12). Ao lembrar os aniversários constantemente, as publicações desejam permanecer vivas na história e serem lembradas historicamente, para que o nome do jornal e seus fundadores sejam armazenados na memória coletiva.

Vemos, então, nas comemorações duas funções: a primeira, a de temporalizar,

principalmente pela questão da periodicidade já impressa no jornal; a outra seria a reformulação da memória coletiva sobre as práticas jornalísticas, para que o público compreenda as ações do veículo comunicacional em certo contexto e o valorize. Nas edições comemorativas,

[...] os jornais reconhecem que sua legitimidade depende, entre outros fatores, de sua capacidade de fornecer versões autorizadas de passado. Se os jornais são capazes de temporalizar a realidade sobre o que falam, oferecendo noções de passado, presente e futuro, precisam também criar marcações temporais para si próprios, de modo a permitir que o público os situe no contexto histórico e lhes atribua valor (MATHEUS, 2011, p. 35).

Assim, as edições de aniversário possibilitam uma conexão entre passado e presente, onde serão reproduzidos pensamentos de outro tempo no “agora”, o que poderá ocasionar reflexão e versões reformuladas do passado.

O Lince foi um periódico que, de dez em dez anos, publicou edições comemorativas. Buscamos analisar como essas edições se apresentaram a partir das concepções de Matheus e, principalmente, de Johnston.

Foram analisadas as edições comemorativas de 1922, 1932, 1942, 1952, 1962 e 1972, correspondentes aos números 428, 789, 1086, 1233, 1343, 1972, respectivamente. Observamos o conteúdo desses impressos e destacamos, quantitativamente, o número de páginas, anúncios publicitários e matérias com assuntos sobre a temática comemorativa, sendo que, para distinguirmos o que seria a temática comemorativa, buscamos textos que possuíssem as seguintes palavras-chaves: aniversário, anos, Jesus de Oliveira, história, fundação e Lince. O resultado foi um pequeno panorama das seis edições (**Tabela 1**).

Tabela 1 – Edições comemorativas de *O Lince*, de 1922 a 1972.

Edições Comemorativas						
Ano	1922	1932	1942	1952	1962	1972
Edições	428	789	1086	1233	1343	1972
Número de páginas	12	4	18	42	68	38
Anúncios publicitários	7	3	20	25	70	54

Temáticas comemorativas	2	1	4	2	21	5
-------------------------	---	---	---	---	----	---

Fonte: Pesquisa das autoras.

Observando a Tabela 1, podemos perceber que, com o passar dos anos, o número de páginas do periódico cresceu, juntamente com o número de anúncios publicitários. Porém, as matérias com temáticas comemorativas não seguem o mesmo ritmo, reduzindo ou aumentando sem razão específica. Essa questão é explicada por Adail de Oliveira, que atribuiu à publicidade o principal fator para a questão do número de páginas:

O aniversário era em janeiro [...] é uma época em que o comércio e a indústria davam publicidade. O jornal tinha muito anúncio, tudo baratinho, não é igual os anúncios de hoje. Então chegava numa data dessas e havia aquela possibilidade de arrecadar mais publicidade. Por isso é que havia aquela edição mais avolumada (OLIVEIRA, 2013).

A publicidade se mostra, então, um importante motivo para o grande número de páginas que aparecem nas edições de aniversário do periódico. Barbosa (2004) destaca como essas edições comemorativas possuíam um caráter financeiro, sendo uma comercialização lucrativa, ao mesmo tempo em que desejavam ser um momento oficial e integrador.

Podemos perceber algumas características recorrentes nessas edições comemorativas: A rememoração histórica do jornal, as felicitações feitas por empresas, jornalistas e outros jornais da cidade, e a exaltação recorrente ao fundador do jornal, Jesus de Oliveira. Na primeira edição comemorativa, observamos textos que celebram a conquista do aniversário de uma década do jornal, além da demonstração de admiração pelo fundador, Jesus de Oliveira. Foram dois textos dessa natureza: *Uma década e Década Gloriosa*:

Manter uma publicação de um periódico em Minas e creio que em todo o interior deste paiz de analfabetos, durante dez anos, nas condições do O Lynce, é um acto de heroísmo que merece ser registrado. Meu jovem amigo tenente Jesus de Oliveira foi esse heroe, que conseguiu contando apenas com sua magnífica força de vontade, manter durante 10 anos sem solução de continuidade, este muito sympathico periódico escrevendo-o, compond-o, revendo-o, e expelindo-o [sic] (GUIMARÃES, 1922, p. 3).

Podemos observar também que o jornal se autodeclarava como um importante

periódico para Juiz de Fora, ao publicar notas e mensagens de colaboradores que afirmavam esse ponto de vista.

Na edição de 1932, foi publicado apenas um texto, *Nossa crônica*, em que se comentam as dificuldades de manter o periódico ativo. Na edição de 1942, foram quatro com temáticas comemorativas: *Data Gloriosa*, *O Lynce*, *O Lynce* e *30 anos*. Esses textos reforçavam a ideia de pertencimento que a publicação compartilhava com Juiz de Fora e com a imprensa da cidade.

O Lynce completa hoje os seus 30 anos de existência e tal fato deve encher de orgulho toda a imprensa mineira [...] *O Lynce* é um patrimônio glorioso da cidade. Obra e esforço de um homem só, honra à geração dos modestos homens de imprensa que, á [sic] custa de abnegações se inscrevem entre os grandes realizadores do sadio e profícuo jornalismo (LAGE, 1942, p. 3).

A edição manteve a ideia de exaltação do periódico e sua importância para a imprensa mineira e, principalmente, de Juiz de Fora. O aniversário de *O Lynce* tornou-se um importante meio pelo qual o periódico se aproximava dos cidadãos da cidade, mantendo uma relação mais próxima e acolhedora com os leitores. Com isso, o periódico se afirmava como um importante veículo comunicacional, principalmente ao registrar a própria história nas páginas de sua revista.

Figura 1 - Capa da edição de aniversário de *O Lynce* de 09 de janeiro de 1922.



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Juiz de Fora, Minas Gerais.

Na edição de 40 anos, em 1952, foram publicados dois textos, *Quarenta anos a serviço de Juiz de Fora e do Brasil* e *Homenagem a Albino Esteves*. A edição de comemoração da revista de 50 anos foi a mais extensa e por isso será analisada mais à frente.

A edição de 60 anos, publicada em 1972, apresentou os textos *Sessentão, Revista O Lince sempre divulgando Araguari, 60 anos, O Lince – há 60 anos* e *Desde 1912 lê O Lince*. Destacamos esse último, que, diferentemente do ocorrido em outras edições, aproximou o leitor do jornal, ao encontrar o assinante mais antigo:

Ao completar 60 anos de circulação ininterrupta, *O Lince* tem a satisfação de focalizar seu assinante desde 1912, ano de fundação deste órgão, pelo jornalista Jesus de Oliveira, de quem era grande amigo. Trata-se de Ambrósio Guedes de Moraes, antigo comerciante [...]. A nove de janeiro de 1962, data do *Jubileu de Ouro* desta revista, *O Lince* ofereceu-lhe um diploma de assinante cinquentenário (DESDE..., 1972, p. 27).

O leitor é homenageado nessa edição, como parte importante da trajetória do impresso. Ao considerar Ambrósio Moraes como um personagem importante de sua história, *O Lince* representou todos os seus leitores, principalmente aqueles que acompanhavam o periódico há mais tempo.

A edição de 50 anos

A edição comemorativa de 50 anos da revista *O Lince*, dentre as analisadas, foi a que apresentou maior número de publicidade e, conseqüentemente, maior número de páginas. São 70 anúncios publicitários em 68 páginas de revista. Por esse motivo, ela foi escolhida para uma análise mais criteriosa quanto ao conteúdo, a partir dos conceitos dos autores já discutidos neste artigo.

Primeiramente, percebemos que a quinquagésima edição de aniversário de *O Lince* tornou o impresso notícia em diversos textos. São curiosidades, histórias, personagens e fatos contados em 21 textos, com os seguintes títulos: *Crônica; Cinquentenário de O Lince; Lince – há 50 anos...1912; Saudação; Conheça a nossa história; Soprando velas; Nossa homenagem a O Lince; Vultos de ontem e de hoje; Escaninho; Cinquentenário de O Lince; Conheça a nossa história; Nosso Jubileu de Ouro; O primeiro jornal dentro deste; A gráfica, Jesus de Oliveira Ltda. está apta a atender o mais exigente freguês com rapidez e perfeição; Jubileu de Ouro; Curiosidades cinquentenárias; Gratidão aos amigos de O Lince; 50 anos de exemplos; Gigante da perseverança; nº12 e CinquentenáriodeOLince.*

Figura 2 - Capa da edição de aniversário de *O Lince* de 09 de janeiro de 1962.



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Juiz de Fora, Minas Gerais.



Observamos que os textos atendem às três funções que Johnston atribui às comemorações midiáticas: a de serem pedagógicas, reafirmarem a origem e tornarem-se ritual de simbolização.

Primeiramente, diversos textos possuem a função pedagógica de ensinar ao leitor a história do impresso e do seu fundador. A trajetória de Jesus e de *O Lince* é recontada variadas vezes, mas o jornalista Luiz José Stehling, em um artigo intitulado *O cinquentenário de O Lince*, é quem descreve essa história de forma mais completa. A introdução já deixa claro o tom didático do texto:

Como todas as histórias das “mil e uma noites”, esta também deveria começar assim... Era uma vez – um menino chamado Jesus, não o de Nazareth, mas, nascido em Olaria, no Município de Lima Duarte, onde foi batizado com o nome de Jesus Rodrigues de Oliveira. Nasceu em 9 de janeiro de 1891, filho de Eloy Praxedes Braga e D. Cândida Cunha, já falecidos (STEHLING, 1962, p.23).

Este artigo de Luiz José Stehling narra toda a trajetória de *O Lince*, desde o nascimento do fundador até o momento atual da revista. Para finalizar, o autor destaca a importância de Jesus de Oliveira para o periódico. Stehling escreve sobre o Jesus fundador, mas também sobre um Jesus idealizado, que lutou para a continuidade do periódico e sua valorização, reafirmando sua origem:

Seja-me permitido, entretanto, lembrar aqui suas lutas e sacrifício, que, sozinho, manteve nestes cinquenta anos para editar *O LINCE*. Se durante esse período só teve prejuízos financeiros, a incompreensão, e mesmo a intolerância de muitos; a satisfação de comemorar o cinquentenário de *O LINCE* valerá por tôdas [sic] as canseiras e dificuldades passadas nesse meio século (STEHLING, 1962, p. 23).

Percebemos, dessa maneira, a segunda função das edições comemorativas, e não apenas nesse texto. Encontramos nessa edição diversas matérias e homenagens a Jesus de Oliveira, tornando-o quase um ser heroico frente à comunidade jornalística da época. Matheus comenta como, nas comemorações, pode existir a forte “celebração dos ancestrais do jornalismo – dedicando boa parte da edição a descrever antigos funcionários – e, principalmente, no desejo da continuidade absoluta com seu fundador” (MATHEUS, 2011, p. 9). A edição de aniversário de 50 anos de *O Lince* também traz um anexo com a edição do primeiro jornal e curiosidades sobre os números iniciais, reforçando o conceito de retornar às origens e conhecer um pouco mais sobre o periódico.





Como terceira função, Johnston propõe que a edição comemorativa é parte de um ritual de simbolização, utilizada como marco de progresso e como um registrador de tempo. *A gráfica Jesus de Oliveira Ltda. está apta a atender o mais exigente freguês com rapidez e perfeição* é um texto da edição de quinquagésimo aniversário de *O Lince* desse tipo. O texto narra a história da gráfica cujo dono era Jesus, expondo sua trajetória e fazendo publicidade dela. Porém, ao mesmo tempo, a gráfica se torna um símbolo de desenvolvimento e progresso da imprensa juiz-forana, como podemos perceber nesse trecho: “Fazendo seus impressos aqui, estão cooperando no progresso industrial e dando a JF a possibilidade de possuir a única revista que rompeu 50 anos de existência enquanto neste prazo houve a fundação de quase duzentas, que no entanto não foram adiante” (A GRÁFICA..., 1962, p. 33).

Observando também o grande número de anúncios da edição, podemos perceber como eles foram de importância para a valorização dessas edições comemorativas. Lojas e marcas divulgavam em *O Lince* por acreditarem que as edições de aniversário teriam grande circulação e, conseqüentemente, os anúncios seriam amplamente divulgados. Ao mesmo tempo, a publicação se beneficiava financeiramente com o maior número de anúncios veiculados.

Considerações finais

Juiz de Fora tem uma importante tradição de imprensa, com uma gama de jornais e revistas, que ressignificavam a cidade por meio da escrita. A cada década, mais impressos surgiram com cidadãos buscando dar voz à cidade que conheciam e que desejavam ter. Dos jornais tradicionais aos alternativos, Juiz de Fora sempre se representou pela imprensa.

Quando pensamos em *O Lince*, devemos considerá-lo como importante periódico para a história do jornalismo da cidade, principalmente por ter circulado 67 anos sem interrupção. O jornal/revista foi durante muito tempo um dos impressos que atendeu a demanda de entretenimento e cultura em Juiz de Fora, tornando-se uma tradição para os leitores e representando a cidade. Ao cobrir variados eventos juiz-foranos e tratar do cotidiano, o periódico se mostrava interessado na cidade e em seus cidadãos. *O Lince* teve um formato híbrido, variando entre jornal e revista, o que foi ocasionado por mudanças editoriais e por problemas financeiros, mas a linha editorial permaneceu a mesma. Embora em poucas páginas, falava-se de Juiz de Fora.





As edições de aniversário se tornaram um grande evento para o periódico e para a cidade, aumentando a publicidade e o número de leitores. A quantidade de páginas se fundamentava na necessidade de espaço para anúncios publicitários, pois, assim, aumentavam as vendas e, conseqüentemente, o lucro. Mas é o conteúdo dessas edições que ganha destaque, pela necessidade de reafirmação da publicação no município, tornando-a uma tradição para os leitores. Nessas edições, o periódico se autorreferenciava, tornando-se notícia no próprio impresso, e os leitores sempre encontraram narrativas sobre sua trajetória, de uma história que poderia ter sido mantida no esquecimento.

Com grande ênfase em seu fundador, Jesus de Oliveira, exaltado a cada nova edição de dez anos, *O Lince* relembra quem havia fundado o impresso e porque era tão importante mantê-lo. Fatos marcantes, curiosidades, antigos leitores, todo o processo de crescimento do periódico era novamente trazido ao conhecimento de todos.

Essas edições se tornaram, assim, marcos temporais que lembravam frequentemente ao leitor a narrativa do impresso e de seu fundador. De maneira pedagógica, publicavam toda a trajetória histórica do jornal/revista e se tornaram um ritual de simbolização, esperado de tempos em tempos pelos assinantes. As edições se estabeleceram como estratégias de temporalização, um marcador da passagem dos anos. A cada década, o impresso recordava sua história e se reafirmava como um periódico de referência na cidade, construindo a memória local e determinando o que era importante lembrar ou esquecer.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

A GRÁFICA Jesus de Oliveira Ltda. está apta a atender o mais exigente freguês com rapidez e perfeição. **O Lince**, Juiz de Fora, n. 1343, ano 51, p. 33, 9 jan. 1962.

BARBOSA, Marialva Carlos. Jornalistas, “senhores da memória”? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 7., 2004, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/download/1259/1212>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **Europa dos pobres: a belle-époque mineira**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

DESDE 1912 lê O Lince. **O Lince**, Juiz de Fora, n. 1972, ano 1972, p. 27, 9 jan. 1972.

ESTEVES, Alvayr Braga. Vultos de ontem e de hoje. **O Lince**, Juiz de Fora, n. 1343, ano 51, p. 24, 9 jan. 1962.





GUIMARÃES, Heitor. Uma década. **O Lince**, Juiz de Fora, n. 428, ano 11, p. 3, 9 jan. 1922.

LAGE, Manuel Barbosa. Data Gloriosa. **O Lince**, Juiz de Fora, n. 1086, ano 31, p. 3, 9 jan. 1942.

MATHEUS, Leticia Cantarela. . **Comunicação, tempo, história**: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2011.

MUSSE, Cristina Ferraz. . **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. São Paulo: Nankin, 2008.

OLIVEIRA, Adail de. Entrevista concedida a Susana Azevedo Reis em 07 de novembro de 2013, Juiz de Fora, Minas Gerais

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). **Mídia, memória e celebridades**: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003, p. 87-111.

STEHLLING, Luiz José. O cinquentenário de Lince. **O Lince**, Juiz de Fora, n. 1343, ano 51, p. 23, 9 jan. 1962.

Submetido em 30.11.2016

Aceito em 29.10.2017

